

## **A MEMÓRIA VIVA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENTENDIMENTO DAS MODIFICAÇÕES DO ESPAÇO URBANO LONDRINENSE**

Tatiana Colasante (PIBIC/CNPQ), e-mail: tatianacolasante@yahoo.com.br  
Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente (Orientadora), e-mail: calvente@uel.br  
Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Geociências – Londrina - PR

### **Introdução**

Em Londrina-PR, o patrimônio cultural - formas antigas de valor relevante que permanecem na paisagem atual - compõe parte da paisagem da área central da cidade e vem sofrendo um processo de degradação por parte da população e por algumas ações do poder público e privado. Em virtude do espaço urbano ser reflexo de ações realizadas no passado e no presente, onde o homem atua como modificador do espaço, alterando constantemente a paisagem de acordo com suas necessidades e interesses, verifica-se que, nessa dinâmica sócio-espacial, algumas formas acabam destruídas, cedendo lugar a novos elementos. Por outro lado, pode haver uma mudança na função destes objetos, sem implicar na alteração da forma. Muitas vezes este processo não é visível no presente, sendo necessário recorrer a alguns recursos para reconstruir o passado.

Em um ambiente escolar, a pesquisa de Memória Viva como recurso didático possibilita a valorização deste patrimônio cultural, permitindo também que o aluno faça uma correlação entre a constituição atual da cidade por intermédio de sua própria vivência, com a realidade de quem vivenciou os acontecimentos do passado. Isto possibilita também a valorização do indivíduo, já que este recurso privilegia a integração do saber formal com o saber informal, por meio do contato com pessoas de diferentes graus de escolaridade e visões da cultura erudita e popular.

A questão da valorização do patrimônio ainda é pouco discutida em sala de aula e, muitas vezes, restrita à disciplina de História. Entretanto, a instituição dos chamados Temas Transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (documento que fornece as diretrizes para a educação brasileira), abriu uma possibilidade de se trabalhar temas interdisciplinares, como o caso da cultura. A Geografia pode ser uma importante aliada nesta questão já que possui subsídios teóricos e metodológicos para o entendimento das transformações da paisagem, utilizando-se também fontes orais como recurso didático.

Em Londrina, por se encaixar nas chamadas cidades novas, existe uma facilidade grande de aplicação do recurso de pesquisa de Memória Viva em sala de aula, já que algumas pessoas acompanharam praticamente toda a formação da cidade. A Memória Viva é, grosso modo, o resgate da memória de pioneiros, por entrevistas. Por terem vivenciado as mudanças ocorridas no espaço, são de grande valia para a compreensão das modificações sócio-espaciais de uma cidade.

As dificuldades do professor em sala de aula são muitas e decorrem de fatores externos, como estresse, desmotivação etc. e também de fatores internos, como a indisciplina. A concorrência com os suportes tecnológicos, amplamente utilizados pelos jovens, vem exigindo que o professor busque cada vez mais alternativas para despertar o interesse do aluno em sala de aula. Pelo fato da Geografia ainda ser vista como uma disciplina restrita à memorização, é necessário que o professor procure novas práticas pedagógicas, tornando o ensinar e o aprender mais prazerosos. Uma destas alternativas é a utilização da Memória Viva na sala de aula, porque possibilita a valorização do passado da cidade, além de incentivar o gosto pela pesquisa nos alunos.

## A Geografia na sala de aula

A maioria das reclamações dos professores, na atualidade, está relacionada ao comportamento dos alunos, especialmente à indisciplina. Neste contexto, a postura e a capacidade de manejo do professor em sala de aula tornam-se elementos essenciais na forma como os alunos se comportam. Isso porque a aula, ao ser interessante de um ponto de vista do discente, automaticamente suscita dúvidas e curiosidades no mesmo, contribuindo para que o professor consiga exercer suas funções. Dessa maneira, ocorre a formação de um ambiente de troca, em que tanto ele como os alunos dialogam em torno dos conhecimentos e mantêm um relacionamento de respeito mútuo. Ocorre, porém, que, por diversos motivos, algumas aulas provocam intensa falta de interesse nos alunos, culminando na indisciplina e na falta de respeito por parte dos mesmos para com o professor. Nesse contexto, é fundamental ressaltar que não existe uma forma de ensinar que seja única e universal; ou seja, não há uma “receita” que ensine isso. Porém, a partir do momento em que o professor reflete sobre sua prática e, por essa conscientização, consegue provocar uma mudança na sua forma de atuar, pode ocorrer uma modificação comportamental na escola e na maneira de encará-la, bem como transformação das representações sociais sobre o papel desta instituição na vida das pessoas.

A árdua tarefa do professor na contemporaneidade é buscar alternativas que possam fazer que os alunos se sintam mais interessados nas aulas, incluindo-se aí a utilização de recursos didáticos diversos. Pela própria estrutura do sistema educacional brasileiro, o professor, muitas vezes, não possui tempo suficiente para planejar e executar atividades fora do ambiente escolar. Dentro do quadro de insatisfação, “[...] uma série de dificuldades surge quando uma atividade não comum tenta ser colocada em prática [...] (mas) a necessidade de procurar caminhos para trabalhar de uma forma mais criativa é tão importante para o professor quanto para os alunos [...]” (CALVENTE, 2008, p. 2).

No caso da Geografia, em que o seu objeto de estudo é o espaço geográfico, um grande equívoco é ensinar determinados conteúdos somente em sala de aula, sem que o aluno consiga observar sua espacialidade. Entretanto, essa é uma prática corriqueira nas escolas tanto no Brasil quanto do mundo, somada à desmotivação dos professores (baixo salário, estresse etc.), o que contribui para que o ensino fique restrito às antigas fórmulas, como a utilização do livro didático, seguida de atividades e avaliação. Mesmo com toda a pluralidade de abordagens que o olhar geográfico proporciona para a apreensão da realidade, o ensino de Geografia ainda mantém uma prática tradicional, tanto no ensino fundamental quanto no médio, e, para a grande maioria dos alunos, a Geografia que se aprende na escola se restringe à memorização (BOMFIM, 2006). Logo, não percebem a relação sócio-espacial dos conteúdos do livro didático com seu próprio cotidiano. A interdisciplinaridade, em voga especialmente após a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases nº. 9.394/96 e da instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), é ainda pouco praticada pelos professores.

Muito embora os PCN’s venham sofrendo críticas de diversas ordens, não se pode negar que este documento ampliou as possibilidades de se trabalhar com diversos temas, especialmente mediante os chamados Temas Transversais, que abordam: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (BRASIL, 1998). Para o Instituto Paulo Freire (2007, s.p.), os Temas Transversais “[...] expressam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania e correspondem a questões importantes e urgentes para a sociedade brasileira de hoje, presentes sob várias formas na vida cotidiana”. Os temas transversais “[...] têm uma especificidade que os diferencia das demais matérias curriculares” (BUSQUETS et. al. 1999, p. 24). Com isso, o

professor pode, inclusive, fazer uma correlação do conteúdo existente nos livros didáticos com a realidade do aluno, além de desenvolver a interdisciplinaridade.

A Geografia fornece subsídios teóricos para a compreensão de várias questões sociais e, muitas vezes, acaba por estabelecer uma correlação com outras ciências para a compreensão da sociedade como uma totalidade. Nessa perspectiva, a abordagem geográfica em sala de aula deve ultrapassar os conteúdos existentes nos livros didáticos que, algumas vezes, estão desatualizados e/ou não condizem com a realidade dos alunos. Os conceitos-chave que fazem parte da Geografia, como paisagem, território, região, natureza e sociedade, são complexos e, por isso, não podem ser ensinados apenas por intermédio do livro didático. Assim, cabe ao professor utilizar recursos didáticos que auxiliem o aluno neste entendimento. Além disso, novas práticas de ensino podem despertar a atenções dos alunos, facilitando a relação professor-aluno, tornando as aulas mais produtivas.

Para a Geografia, imagens e textos são preciosos recursos didáticos, servindo como fonte de informação, de discussão, e também de contextualização dos conteúdos (sondagem do conhecimento prévio dos alunos). Isso permite o desenvolvimento de “[...] fatos, conceitos, procedimentos e atitudes. Por isso, devem ser intensamente explorados pelo professor que deseja desenvolver um processo de ensino aprendizagem mais dinâmico em suas aulas [...]” (BOLIGIAN, 2003, p. 4).

### **A valorização da memória**

Seemann (2003, p. 44) chama a atenção para o “[...] crescente interesse acadêmico pelas identidades culturais e pelo resgate e a reconstrução do passado”. Assim, as pesquisas voltadas para este tema são passíveis de serem realizadas por diversas disciplinas. No caso da Geografia, a memória pode fazer parte de uma metodologia da pesquisa de campo para analisar transformações ocorridas na paisagem, por exemplo. O mesmo autor (op. cit. p. 44) alerta que muito embora “[...] a memória seja basicamente um processo interno, a sua projeção não se realiza em um vazio [...]”, ou seja, esta memória tem uma espacialidade, manifestada e estimulada também em lugares concretos, que servem de referenciais identitários para os grupos sociais.

Kessel (2009) explica que o conceito de memória vem se modificando ao longo dos tempos. A autora destaca a importância dos estudos de Maurice Halbwachs no entendimento dos aspectos sociais que compõem a memória. Para este autor, a memória sempre remete a um grupo, ou seja, todo indivíduo carrega em si uma lembrança particular, mas está sempre interagindo com a sociedade. Com base nisso se constituem as lembranças. Já para Le Goff (2003, p. 419), a memória “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória também necessita de uma manifestação espacial. Assim, a paisagem guarda em si alguns elementos que estão vinculados à memória individual, coletiva e histórica. Abreu (1998) diferencia estes três tipos de memória: a memória individual normalmente está calcada no subjetivo, na relação do indivíduo com o lugar, geralmente ligada a lembranças particulares da vida de cada um; a memória coletiva é intersubjetiva, já que está vinculada a uma memória partilhada, construída socialmente por um grupo, é uma memória viva; já a memória histórica surge quando a memória social se decompõe, tornando-se, portanto, em uma memória eternizada.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir

a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela co-existência e também pelo status de se constituírem como memória histórica. (KESSEL, 2009, p. 5)

A memória, portanto, possibilita uma maior coesão social à medida que desperta um sentimento de coletividade por meio de uma identidade em comum, que é partilhada por um mesmo grupo social, identidade esta que se manifesta também nos aspectos materiais. Neste aspecto, a cidade como construção social é dotada de memórias das famílias, dos grupos sociais e dos indivíduos. Porém nem todas estas memórias coletivas ficam eternizadas para virarem memória histórica. Muitas delas se perdem juntamente com a destruição de referenciais identitários como monumentos e outros objetos históricos. Assim, resgatar a memória também é reconstruir o passado que, algumas vezes, não se encontra mais materializado na paisagem.

Cabe ressaltar o caráter seletivo da memória, também objeto de lutas sociais, na qual as classes dominantes elegem o que deve ser lembrado ou esquecido pela sociedade. Le Goff (2003, p. 422) comenta que uma das preocupações dos membros da classe dominante é de tornarem-se “[...] senhores da memória e do esquecimento (revelando) mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Kessel (2009) lembra que este embate se reflete nos currículos escolares e na seleção das datas comemorativas, das histórias que farão parte dos livros didáticos e dos saberes necessários para que os alunos sejam aprovados. Isso porque a educação funciona segundo determinadas exigências, princípios e controles sociais, chegando pronta na escola, sem a intervenção de pais, professores e alunos, porque quem decide são os donos do poder político, muitas vezes não condizendo com a realidade da população que dela se utiliza (BRANDÃO, 2005). Entretanto, no atual contexto educacional, é cada vez mais comum falar em autonomia da escola, ou seja, “[...] a capacidade de elaboração e realização de um projeto educativo próprio em benefício dos alunos e com a participação de todos os intervenientes no processo educativo [...]” (SILVA et. al, 2002, s.p.). Neste caso, pode-se citar o projeto político-pedagógico que é um documento voltado para orientar e possibilitar a operacionalização da autonomia na escola. Não se pode negar, porém, que muito ainda do que se ensina na escola é baseado na construção de uma identidade nacional, em que os feitos da elite e dos brancos são enaltecidos, deixando em segundo plano uma outra história, contada pelos excluídos socialmente. Assim, é fundamental buscar a história das minorias, na qual as narrativas das mulheres, negros, índios e outros permitem o (re)conhecimento de uma outra realidade. Estas memórias não-oficiais são chamadas de subterrâneas ou marginais, “[...] porque correspondem a versões sobre o passado de grupos dominados de uma sociedade, ficando à margem da história oficial” (GUIMARÃES e BERG, 2004, s.p.).

### **Geografia e memória**

A cidade concebida como espaço urbano, cuja organização espacial está condicionada ao movimento da própria sociedade, permite a compreensão de que a permanência de determinados objetos na paisagem vai além do valor econômico, e se justifica, dentre outros fatores, pelos valores identitários que são partilhados por um grupo social. Não se pode compreender o espaço urbano sem recorrer à dimensão simbólica, visto que a cidade é uma construção social, na qual o homem expressa sua cultura.

Segundo Carlos (2007, p. 13), a dinâmica da reprodução espacial na cidade demonstra uma tendência de destruição de alguns referenciais urbanos, na busca pela modernidade como imagem de progresso, resultando em “[...] profundas transformações na morfologia, o que revela uma paisagem em constante transformação”. Toda esta dinâmica gera também perda de identidade por parte da população e, conseqüentemente da “[...] memória social, uma vez que os elementos conhecidos e reconhecidos, impressos na paisagem da metrópole, se esfumam no processo de construção incessante de novas formas urbanas”.

Neste sentido, é interessante analisar a constituição da paisagem tomando-se por base a memória das pessoas que fizeram parte da constituição da cidade. Com este resgate, enfatiza-se a importância de proteção da cultura material e imaterial da sociedade como fontes de valor histórico que contribuem para a manutenção de uma identidade em comum. A ciência geográfica fornece subsídios teóricos para o entendimento das transformações do espaço geográfico, mas buscar no relato dos pioneiros a construção e desconstrução da paisagem enriquece a pesquisa no sentido que valoriza a memória marginal dos esquecidos, contribuindo para uma Geografia cidadã.

As diferentes temporalidades do espaço urbano sobrepostas, contrastando o passado e presente nas formas, permitem uma leitura da cidade sob vários aspectos. A cidade como construção social é permeada de simbolismos que podem evocar a memória e o subjetivo, mas também não se pode esquecer que é fruto do capitalismo, em que as mudanças provocadas na paisagem não são exatamente espontâneas, uma vez que obedecem a uma lógica de reprodução e acumulação do capital.

Abreu (1998) argumenta que, a partir do final do século XX, uma tendência observada mundialmente começou a surgir, valorizando o passado das cidades. Seja preservada em instituições de memória, como museus e bibliotecas, ou então materializada na paisagem, a busca por referenciais identitários é cada vez maior. No Brasil, em meados da década de 1920, iniciou-se a discussão sobre a necessidade de conservação do passado, no contexto do movimento modernista, e que esse trabalho deveria se iniciar juntamente com o processo de escolarização. Por isso, uma abordagem sobre a memória urbana, correlacionando os relatos dos pioneiros e as formas que compõe a paisagem atual, vem de encontro a esta tendência conservacionista.

Antes da instituição dos PCN's, geralmente a questão da memória e valorização cultural eram inerentes à disciplina de História. Destacando-se os Temas Transversais, em específico a Pluralidade Cultural, os PCN's de Geografia (BRASIL, 1998, p. 68) sugerem alguns itens como parâmetros para trabalhar este tema, como:

- os monumentos, os museus como referência histórica na leitura e compreensão das transformações do espaço;
- a diversidade dos conjuntos arquitetônicos urbanos de monumentos históricos diferentes e os traçados das vias públicas como referências de compreensão de evolução das formas e estruturas urbanas;
- as cidades históricas barrocas brasileiras: paisagens conservadas e importância para o turismo;
- as feiras livres como sobrevivência do passado na moderna urbanização;
- as festas e as tradições do folclore brasileiro como resistência e permanência dos traços de identidades regionais.

Com isso, é inegável a inserção da questão cultural na Geografia, privilegiando aspectos da cultura material e imaterial da sociedade brasileira.

## Memória Viva

Dentre os muitos recursos didáticos disponíveis, a Memória Viva pode ser um importante aliado na compreensão de alguns conteúdos geográficos. Zangioli, Calvente e Gonçalves (2004, p. 33) explicam que a Memória Viva nada mais é do que “[...] uma pesquisa realizada com os moradores antigos do município que, resgatando de suas memórias fatos vividos, nos permitem reconstruir o passado de um lugar”. Com este resgate, cria-se um elo entre o passado e o presente, sendo possível visualizar as transformações ocorridas na paisagem por meio do tempo, visto que: “[...] a paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário” (SANTOS, 1988, p. 70). Como o espaço é um produto social, muitos objetos são supridos da paisagem de acordo com as necessidades de cada sociedade. Daí a importância de resgatar o relato daqueles que vivenciaram tempos pretéritos para explicar a constituição atual de determinada paisagem.

Pelo fato de muitas vezes recorrer à história, é importante que o professor de Geografia fique atento ao explicar as modificações sofridas na paisagem, para não correr o risco de abordar “[...] tudo como se fosse uma história, como se fosse um desenrolar de fatos transcorrendo no tempo [...]” (PEREIRA, 2003, p. 11). Assim, em uma abordagem geográfica, deve-se dar uma espacialidade para esses fenômenos, se possível visualmente, para que o aluno consiga verificar *in loco* estas alterações.

Segundo Holzer, todo trabalho referente à espacialidade humana deve referir-se também à memória. Para o autor (1996, p. 114), “[...] a paisagem é uma expressão física da ação do homem sobre a natureza, e por extensão, um receptáculo de memória”.

Destaca-se, então, o papel do passado na compreensão do presente, no qual as transformações espaço-temporais permitem a acumulação de experiências pelos pioneiros, repassadas à geração atual, por exemplo, pela aplicação da pesquisa de Memória Viva. Sendo a paisagem, portanto, *locus* de memória, cultura materializada que expressa em suas formas o modo de produção da sociedade, ao acumular diferentes datações, faz com que o presente se torne mais legível do que o passado, abrindo “lacunas da memória”, como sugere Holzer (op.cit., p. 120). Pelos relatos dos pioneiros, estas lacunas podem ser preenchidas para que a análise espacial possa ser compreendida na sua totalidade.

O método de coletar depoimentos pessoais para recuperar informações teve início na década de 1940, nos Estados Unidos e privilegiava o estudo das elites. Somente na segunda metade da década de 1960, por meio das lutas pelos direitos civis, nos Estados Unidos, travadas por minorias como negros, mulheres, imigrantes etc., é que se começou a dar voz aos excluídos, fazendo com que os registros orais se tornassem um “[...] instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social” (FERREIRA, 2002, p. 322). Privilegiando o conhecimento da minoria, o pesquisador não está desconsiderando, em absoluto, os registros oficiais, mas apresentando outros pontos de vista de uma mesma história, enriquecendo a pesquisa, por intermédio dos depoimentos e humanizando, assim, o objeto de estudo.

Rica fonte de pesquisa qualitativa, estes registros orais, antes privilégio dos historiadores, são utilizados atualmente por diversas áreas, incluindo-se os profissionais de educação. Assim, os registros orais, que serão chamados de “Memória Viva”, também possibilitam uma inter-relação com outras disciplinas, especialmente no caso da Geografia com a História e vice-versa: “[...] desses registros e dessas experiências, é possível conceber as mais variadas contradições do espaço urbano [...], tais como: a questão da moradia, saúde, desemprego, violência e tantos outros problemas”

(ALMEIDA, 2005, s.p.). Com isso, o pesquisador consegue compreender a dinâmica sócio-espacial das cidades em diferentes períodos.

A utilização da pesquisa de Memória Viva na disciplina de Geografia pode auxiliar o aluno na compreensão das transformações da paisagem, ao mesmo tempo em que o ajuda na percepção do meio em que vive. Ao ter contato com uma realidade que não viveu o aluno aprende mais sobre o lugar onde vive e passa a enxergar as pessoas comuns, que algumas vezes fazem parte do seu cotidiano, como os verdadeiros protagonistas da história social.

Com o surgimento de novas tecnologias, cria-se uma memória construída, em que o jovem busca nos recursos midiáticos alguns referenciais para a reconstrução do passado que ele não viveu. Franco e Venera (2007) sugerem que alguns tipos de mídia poderiam servir como canal para sensibilizar os jovens nas questões relacionadas ao resgate da memória, já que a maior parte do tempo que passam fora da escola é dedicada a ambientes virtuais, como a internet.

Por outro lado, embora seja pouco utilizada pelos professores no ambiente escolar, a Memória Viva “[...] proporciona uma integração entre conteúdo de sala de aula e meio pesquisado, alunos e comunidade e uma valorização do indivíduo como fonte de informação e agente transformador de seu próprio meio” (ZANGIROLI; MAGON, 2004, p. 27). Este exercício em sala de aula foge da cotidianidade do livro didático e resulta em uma intensa cooperação entre jovens e os idosos, proporcionando uma experiência na formação do aluno cidadão.

A metodologia da Memória Viva é fundamentalmente baseada em entrevistas, feitas com pessoas idosas, geralmente pioneiras da cidade. Estas entrevistas podem assumir um caráter mais informal, uma conversa, já que os depoentes são pessoas comuns, que irão contar suas memórias, embora seja necessária a utilização de um roteiro prévio, com alguns lembretes dos principais aspectos que serão abordados pelo pesquisador para não fugir do foco da pesquisa.

Essas memórias relatadas pelos pioneiros vão surgindo nos próprios questionamentos do pesquisador ou então por fotografias antigas, documentos, cartas etc. Na aplicação desta técnica, a utilização do gravador é recomendada porque capta, na íntegra, o modo de falar, as expressões, gírias e até sentimentos do entrevistado. Como se trata de pessoas idosas é importante que o pesquisador tenha cautela nas questões, na forma de abordagem e no tratamento dado ao entrevistado. Por isso, é necessário que a entrevista seja realizada em um local onde o depoente se sinta confortável, com equipamentos adequados e disposição do pesquisador. Esta técnica pode ser feita em grupos, nos quais o professor pode sugerir um bairro perto da escola para os alunos desenvolverem as entrevistas ou então individualmente, no ambiente familiar do aluno, no contato com os avós e outras pessoas próximas que sejam bons informantes.

Ao utilizar esta técnica em sala de aula, o professor desperta no aluno o gosto pela pesquisa, possibilita a troca de experiências entre gerações, valoriza os idosos como importantes fontes de informação e saber, permite a conscientização para proteção da memória, contribui para novas formas de aprendizado e permite a interdisciplinaridade, entre outros.

Ao planejar a utilização de um recurso didático, o professor deve estar ciente quanto aos procedimentos e resultados que deseja obter. Freitas (2002) faz alguns apontamentos sobre como realizar pesquisas com fontes orais. O primeiro passo envolve a definição do tema, seguido da escolha do entrevistado. É necessário também ter algum conhecimento sobre o tema, o que pode acontecer em sala de aula, com o conteúdo que o professor ministra. Com base nestas informações, é feito um roteiro para que o aluno saiba os aspectos mais importantes que devem ser investigados. Depois disso, parte-se

para a entrevista. Os resultados deste trabalho podem ser apresentados de diversas formas, como apresentação de painéis, discussão em sala de aula etc. Ao trabalhar com a Memória Viva, o professor colabora para o interesse do aluno pela pesquisa, especialmente quando esta envolve um trabalho de campo, ferramenta essencial para a Geografia.

### **A cidade de Londrina**

A valorização da memória da sociedade mediante o ensino da Geografia contribui para o entendimento da forma atual da cidade e das mudanças espaciais que o município sofreu desde sua constituição. A reconstrução do passado por meio da linguagem possibilita também uma reconstrução espacial, em que se resgatam antigas formas que já não se encontram mais na paisagem, demonstrando que espaço e memória estão associados.

A cidade de Londrina, localizada no norte do Paraná, tem uma população de quase meio milhão de habitantes (IBGE, 2009) e faz parte das chamadas “cidades novas”, já que sua fundação data de 1931, ou seja, é uma cidade com menos de 100 anos. Segundo Lezo et. al. (2007, p. 6), embora possuindo uma história relativamente recente, Londrina “[...] tem nas suas próprias raízes os traços culturais trazidos das mais diferentes partes do mundo e regiões do Brasil, por intermédio das pessoas que aqui vieram morar”.

O Norte do Paraná, conforme explica Maia (2005, s.p.), foi ocupado recentemente e colonizado por iniciativas individuais e de empresas privadas, aliadas à agricultura cafeeira, processo diferente do que ocorreu com o restante do estado. Nesse contexto, Londrina é uma cidade do Norte Novo, “[...] que foi instituída como núcleo propagador do processo de colonização, desempenhou e continua a cumprir a função de centro administrativo e de serviços de uma rede de cidades [...]”.

A Paraná Plantation Ltda. e sua subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) estimularam a vinda de migrantes para a região, por intermédio de propagandas da região, ressaltando suas terras férteis. Como resultado, Londrina recebeu um intenso fluxo migratório de várias regiões do país, como sul, sudeste, centro-oeste e norte, além de europeus, como ingleses, alemães, italianos, poloneses, ucranianos, búlgaros, espanhóis, árabes e orientais (MAIA, 2005, s.p.).

Embora seja uma cidade nova, Londrina possui um patrimônio material relativamente considerável de um ponto de vista histórico-cultural, marcado por monumentos e algumas edificações de referência nacional, como é o caso da antiga Estação Rodoviária, projetada pelo arquiteto João Batista Vilanova Artigas e que se tornou um marco da Arquitetura Moderna Brasileira (PISANI e CORRÊA, 2007, p. 1). Todo este conjunto material constitui-se em resquícios do passado e guarda rugosidades dos processos diversos que permearam a história da cidade ao longo do tempo. Muitos destes objetos históricos e culturais são alvos de vandalismo e omissão do poder público, como é o caso da Praça da Bandeira, que tem sido alvo de pichações nas suas estruturas; o Coreto, demolido pela Prefeitura e a Catedral (ver fotos 1, 2 e 3) que passou por três reformas, resultando em uma modificação total da sua forma original. É importante ressaltar que algumas práticas pedagógicas que estejam voltadas para o reconhecimento e valorização da cultura e da memória locais contribuem para a proteção deste patrimônio, no sentido que motivam os alunos a refletirem sobre a sua importância.





Foto 1: A primeira Catedral de Londrina, construída em madeira, em 1934.  
Fonte: História de Londrina, 2009.



Foto 2: Em 1943, a Catedral foi reformada e construída em alvenaria.  
Fonte: Yasunaka e Stenders, 2007.



Foto 3: Em 1970, assume sua forma atual, com demolição de praticamente toda sua estrutura original.  
Fonte: Simplesmente Londrina, 2009.

Seguindo uma tendência mundial, a cidade tem apresentado processos importantes de grandes transformações nos últimos anos, especialmente nas estruturas sociais e econômicas. Este rápido desenvolvimento não foi desencadeado somente pelo potencial natural, mas por fatores históricos de expansão política e econômica, envolvendo empresas colonizadoras estrangeiras e nacionais, fazendeiros, governo do estado do Paraná, sitiamentos e trabalhadores sem terra (ALMEIDA, 2004).

Inserida neste contexto, a busca por uma cidade com ares de modernidade fez com que o espaço urbano tenha se modificado rapidamente, de maneira que algumas formas espaciais foram alteradas e/ou destruídas.

Uma das vantagens da utilização da pesquisa de Memória Viva em cidades novas, como o caso de Londrina, é a quantidade de informantes disponíveis. Facilmente encontram-se pessoas pioneiras, que presenciaram as principais mudanças sócio-espaciais da cidade. Valendo-se de um trabalho bem planejado, pode-se conseguir uma experiência educativa significativa e motivadora para os alunos, que pelos relatos dos depoentes aprendem na prática a transformação da paisagem, tendo acesso a um passado que não viveram e, com isso, compreendem alguns conceitos fundamentais da Geografia.

### **Considerações finais**

A discussão em torno de temas conservacionistas, incluindo-se aí a memória e o patrimônio histórico-cultural, é algo recente e muito pouco realizada no meio escolar. Em razão das dificuldades e falhas do sistema educacional brasileiro, os professores sentem dificuldade em aplicar práticas inovadoras de ensino. Assim, o livro didático se torna praticamente um recurso exclusivo na formação do aluno. Por ser uma realidade imposta, muitas vezes o conteúdo do livro didático omite informações ricas e não se aproxima da realidade do aluno. Neste aspecto, é relevante destacar a importância das fontes orais, especialmente da Memória Viva, que resgatam as chamadas memórias marginais ou subterrâneas de indivíduos que fizeram parte da história, mas não estão nos livros. Assim, enfatiza-se o indivíduo produtor da cultura, que modifica a paisagem em diferentes contextos sócio-espaciais. Resgatar o passado é entender o presente, é verificar como a paisagem é composta de diferentes datações. Tempo e espaço estão intrinsecamente ligados, passíveis de serem estudados pela ótica geográfica, já que a cidade reflete, nas suas construções, marcas que rememoram a memória coletiva e a vivência pessoal.

Mediante os relatos de pioneiros, conseguem-se preencher algumas lacunas, resgatando e espacializando alguns aspectos invisíveis na paisagem, que foram suprimidos em decorrência da própria dinâmica espacial, o que destaca o trabalho do geógrafo nas questões relativas a tempo e espaço. Mesmo assim, existe certa resistência em desenvolver este tipo de trabalho, relegando-o à História. O que se busca hoje na escola são processos inovadores que contribuam para a formação de cidadãos por meio dos valores sociais. A utilização da pesquisa de Memória Viva constitui um grande avanço neste aspecto, no sentido que valoriza o indivíduo, estreita relações de respeito e de cidadania e possibilita um acesso precoce do aluno na pesquisa de campo. Dessa forma, constitui-se em uma ferramenta preciosa em sala de aula e que pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, ampliando ainda mais os saberes do aluno.

## Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Geografia)**, Porto, Portugal, v. XIV, pp. 77-97, 1998.
- ALMEIDA, Paulo Roberto. Dossiê História Oral: uma breve apresentação. **Revista de História e Estudos Culturais**. Abril/maio/junho 2005, vol. 2, ano II, nº 2, s.p. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Apresentacao%20Dossie\\_Paulo%20de%20Almeida.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Apresentacao%20Dossie_Paulo%20de%20Almeida.pdf)>. Acesso em 03 fev. 2009.
- ALMEIDA, Jozimar Paes de. História e Patrimônio Ambiental. **Revista Histórica Hoje**. São Paulo, n. 3, 2004, s.p. Disponível em: <[http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=29](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=29)>. Acesso em 04 fev. 2009.
- BOLIGIAN, Levon. **Recursos didáticos no ensino de Geografia: novas abordagens**. Curso de Orientação Pedagógica. Set/Out. 2003, s.p. Disponível em: <[http://www.geovivencia.com.br/pdf/COP\\_Apostila1.pdf](http://www.geovivencia.com.br/pdf/COP_Apostila1.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2009.
- BOMFIM, Natanael Reis. A imagem da Geografia e do Ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. **Estudos Geográficos**, v. 4, pp. 107-116, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BUSQUETS, Maria Dolores et al. **Temas transversais em educação: base para uma formação integral**. Tradução Claudia Schililing. 5 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas. Reflexões introdutórias sobre aulas práticas, conhecimento, meio e ensino de Geografia. In: ARCHELA, Rosely Sampaio; CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas (Orgs.). **Ensino de Geografia: Tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo**. Londrina: EDUEL, 2008, pp. 1-13.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 314-332, dezembro 2002.
- FRANCO, Alexia Pádua Franco; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. A memória e o ensino de História hoje: um desafio nos deslizamentos de sentidos. In: ZAMBONI, Ernesta (Org.). **Digressões sobre o Ensino de História**. Itajaí: Maria do Cais, 2007. pp. 73-103.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; BERG, Daniel Barreto. Cidade Memória: a História Oral na Internet. 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, Belo Horizonte. **Anais...**s.p.
- HISTÓRIA de Londrina. **1ª Catedral de Londrina**. Disponível em: <[http://www.geocities.com/londrina10\\_2000/historia.html](http://www.geocities.com/londrina10_2000/historia.html)>. Acesso em 06 fev. 2009.
- HOLZER, Werther. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. II Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem II Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem, 1996, Bauru, SP. **Cadernos Paisagem Paisagens**. Bauru, SP: FAAC/UNESP, pp.111-122, 1996.
- INSTITUTO PAULO FREIRE. **Inter-transdisciplinaridade e transversalidade**. Programa de Educação Continuada, 2007, s.p. Disponível em: <[http://www.inclusao.com.br/projeto\\_textos\\_main.htm](http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_main.htm)>. Acesso em: 04 fev. 2009.

- IBGE. **Cidades**. Contagem da população 2007. Londrina-PR.. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 05 fev. 2009.
- KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. **Museu da Pessoa**. São Paulo, 2009, pp. 1-6. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.com.br/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.com.br/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2009.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003, pp. 479-477.
- LEZO, Denize; DORNELAS, Eline; ZANON, Elisa; MORAES, Vanda de. **Reconhecendo o Patrimônio Cultural em Londrina**. Londrina: Midiograf, 2007.
- MAIA, Deise. Patrimônio Cultural em Londrina: como os Nativos Pensam. **Revista Estação**, Londrina, n. 4, dez. 2005, s.p. Disponível em: <[http://www.proex.uel.br/estacao/index.php?arq=ARQ\\_art&FWS\\_Ano\\_Edicao=3&FWS\\_N\\_Edicao=4&FWS\\_N\\_Texto=5&FWS\\_Cod\\_Categoria=1](http://www.proex.uel.br/estacao/index.php?arq=ARQ_art&FWS_Ano_Edicao=3&FWS_N_Edicao=4&FWS_N_Texto=5&FWS_Cod_Categoria=1)> Acesso em: 02 fev. 2009
- PEREIRA, Diamantino. Paisagens, Lugares e Espaços: A Geografia no Ensino Básico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº. 79, pp. 9-21, jul. 2003.
- PISANI, Maria Augusta Justi; CORRÊA, Paulo Roberto. Rodoviária de Londrina: tempo, transformação e outros usos. In: III Fórum de Pesquisa da FAU Mackenzie, 2007, São Paulo. **Anais do III Fórum de Pesquisa da FAU Mackenzie**. São Paulo: Mackenzie, 2007. v. 1. pp. 01-19. Disponível em: <[http://www4.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF\\_IIIForum\\_a/MACK\\_III\\_FORUM\\_MARIA\\_AUGUSTA\\_3.pdf](http://www4.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF_IIIForum_a/MACK_III_FORUM_MARIA_AUGUSTA_3.pdf)> Acesso em: 09 fev. 2009.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/Ceará, v. 4/5, pp. 43-53, 2003.
- SILVA, Amarisia Barreto et. al. Autonomia da Escola. V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2001, Ouro Preto, **Anais...s.p.**
- SIMPLESMENTE Londrina. **Catedral de Londrina**. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=610699>>. Acesso em 06 fev. 2009.
- YASUNAKA, Yutaka; STENDERS, Carlos. **Revelações da História: o acervo do Fotoestrela**. Londrina: Midiograf, 2007.
- ZANGIROLI, Cíntia M.; MAGON, Simone. A Memória Viva como Método de Pesquisa. In: CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas; GONÇALVES, Martha Augusta (Orgs.). **Turismo em pequenos municípios: Jataizinho – Paraná**. Londrina: Humanidades, 2004, pp. 27-32.
- ZANGIROLI, Cíntia M.; CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas; GONÇALVES, Martha Augusta. Depoimentos. In: CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas; GONÇALVES, Martha Augusta (Orgs.). **Turismo em pequenos municípios: Jataizinho – Paraná**. Londrina: Humanidades, 2004, pp. 33-44.